

5 de março de 1958

**Seminário da quarta-feira de 5 de março de 1958**

Caros amigos,

Para retomar nosso discurso interrompido há três semanas, partirei daquilo que lembrávamos justamente ontem à noite, que nosso discurso deve ser um discurso científico.

Parece que para se chegar a este alvo, os caminhos, quando se trata de nosso objeto, não são tão fáceis assim.

Ontem à noite simplesmente assinali a originalidade do momento constituído no exame dos fenômenos do homem, pela colocação no primeiro plano, da parada constituída por toda a disciplina freudiana sobre este elemento privilegiado que se chama o desejo.

Eu fiz notar que até Freud este elemento em si mesmo sempre foi reduzido e sob certo aspecto precocemente elidido, e é o que permite dizer que até Freud todo estudo da economia humana partiu mais ou menos de uma preocupação moral, ética, no sentido em que se trata menos de estudar o desejo que de reduzi-lo e discipliná-lo. Ora, é com os efeitos do desejo, no sentido muito lato, que lidamos na psicanálise; o desejo não é um dos efeitos colaterais.

Isto é o sentido daquilo que me esforço em lembrar-lhes, daquilo que se manifesta no desejo humano, a saber, sua *subdução* [*subduction*] fundamental, para não dizer sua subversão, por uma certa relação que é a relação do desejo ao significante.

Hoje, não é isso que lembrarei mais uma vez, ainda que devamos voltar para partir novamente disso, mas lhes mostrarei o que significa, numa perspectiva rigorosa, aquela que mantém a originalidade da condição do desejo do homem, o que para ele representa este algo, que para vocês está sempre mais ou menos implicado no manuseio que vocês fazem desta noção de desejo que merece ser estudada, separadamente. Eu diria até mais: que só pode começar a ser articulada a partir do momento em que, aqui, estamos bastante inculcados da noção da complexidade na qual se constituem este desejo e esta noção de que estou falando, que vai ser o outro pólo do discurso de hoje. Ela se chama o *gozo*

Retomando rapidamente o que constitui esta desviação, alienação do desejo no significante, tentaremos chegar ao que pode se constituir nesta perspectiva, este termo em que consiste o fato no qual o sujeito humano, em seu mundo, se apodera das condições que lhe são impostas, como se estas condições fossem feitas e com elas ele estivesse satisfeito.

Eu lhes indico já que isso nos fará chegar, espero que seja hoje, àquilo que já indiquei no início do ano, tomando as coisas na perspectiva do *dito spiritusq*, sobre a natureza da comédia.

Lembremos rapidamente isto: que o desejo está instalado, essencialmente, numa relação à cadeia significante; que o desejo se põe e se propõe primeiro na evolução do sujeito humano como demanda, que a frustração em Freud é *Versagung* isto é, *recusa*, mais exatamente, ainda: *Retratação*

Tão longe quanto recuemos com os kleinianos na gênese, observamos que esta exploração, que certamente era um progresso, nos conduz à maior parte dos problemas de evolução do

5 de março de 1958

sujeito neurótico à satisfação dita sádica-oral. Observem simplesmente que esta satisfação se opera em fantasma, e desde já e logo de entrada em retorsão da satisfação fantasmática.

Dizem: tudo parte da necessidade de mordida, às vezes agressiva, da criancinha em relação ao corpo da mãe. Não esqueçamos, porém, que tudo isto consiste em mordida real, que estão aí fantasmas, e que nada desta dedução pode sequer dar um passo, a não ser para nos mostrar que o medo da mordida devolvida é o nervo essencial daquilo de que se trata, do que se trata de demonstrar.

Conversando ontem à noite com um de vocês que tenta retomar, após Suzanne Isaacs, algumas definições válidas dos termos de fantasma, com toda razão me dizia o quanto tinha dificuldade em fazer uma dedução qualquer que estivesse fundada simplesmente sobre a relação imaginária entre os sujeitos. É absolutamente impossível distinguir de maneira válida os fantasmas inconscientes desta criação formal que o jogo da imaginação é, se não observarmos desde já que o fantasma inconsciente está dominado, estruturado pelas condições do significante.

Os objetos primordiais, os objetos bons e ruins, os objetos a partir dos quais se refaz toda a dedução analítica, se constituem numa espécie de bateria na qual se desenham várias espécies de substitutivos desde já prometidos à equivalência: o leite, o seio se tornam ulteriormente o esperma e o pênis, respectivamente. Os objetos estão desde já, se assim posso dizer, significantizados.

O que ocorre na relação com o objeto mais primordial, o objeto materno, se opera logo de entrada e desde já, sobre signos, sobre o que podemos chamar, para ilustrar o que queremos dizer, a moeda do desejo do Outro. E aquilo que lhes indiquei na última vez, olhando de tão perto quanto era necessário para vê-lo bem, esta obra que Freud considera como decisiva, sublinhei que ela marcou o passo inaugural na compreensão pelos analistas, compreensão verdadeira, autêntica, do problema da perversão; o que fizemos, pois, na última vez, foi de natureza a fazer-lhes perceber que nestes próprios signos pode ocorrer uma divisão. Todos estes signos são mais complicados. Mais exatamente, o conjunto dos signos não é redutível àquilo que poderíamos chamar daquilo que já indiquei como sendo títulos, espécie de valores fiduciários: possuir isto ou aquilo. Eles não são pura e simplesmente valores representativos, moeda de troca como acabamos de dizê-lo, de alguma forma signos, enquanto constituídos como tais. Há entre estes signos alguns que são signos constituintes, quero dizer, por onde a criação do valor está assegurada, quero dizer, por onde este algo real, que está engajado a cada instante nesta economia, é atingido por esta bala que o torna um signo.

Esta bala constituída na última vez por este signo - pau da chibata ou de qualquer coisa que bate, é este algo por onde mesmo um efeito desagradável se torna distinção e instauração da própria relação por onde a demanda pode ser reconhecida como tal, aquilo que foi de início o meio de anular a realidade rival do irmão se torna secundariamente este algo. O próprio sujeito pode distinguir por onde ele próprio é reconhecido como algo que pode ser, quer reconhecido, quer jogado ao nada, este algo que desde já se apresenta como a superfície sobre a qual pode se inscrever tudo quanto pode ser dado depois, uma espécie de cheque em branco se assim posso dizer, sobre o qual todos os donativos são possíveis. E vocês vêem que, já que todos os donativos são possíveis, nem se trata do que pode ou não ser dado, porque aí se trata desta relação de amor que, digo, é constituída pelo que o sujeito lhe dá essencialmente, isto é, aquilo que não tem. Todo o possível desta introdução à

5 de março de 1958

ordem do amor supõe este signo fundamental pelo sujeito, que pode ser anulado ou reconhecido como tal.

Eu pedi que neste intervalo fizessem algumas leituras. Espero que as tenham feito, quero dizer, que tenham-se ocupado, pelo menos um pouquinho, com *A Fase Fálica* do senhor Jones, e do desenvolvimento precoce da sexualidade feminina. Hoje só quero pontuar, a propósito de um exemplo que é um exemplo totalmente localizado - achei-o ao ver o que havia sido dito num certo aniversário festejando o quinquagésimo de Jones, e que coincidia com a época em que esta *fase fálica* ocupava o primeiro plano de interesse dos psicanalistas ingleses, e neste número reli com muito interesse este artigo de Joan Rivière (*International Journal of Psychoanalysis* vol. 10) intitulado *A Feminilidade como Mascarada*.

Prosseguindo com a análise de um caso especificado que não é o caso geral da sanção da feminilidade, Joan Rivière mostra como num caso que ela situa em relação a várias possibilidades, os passos possíveis na ascensão à feminilidade, como um destes casos demonstrava para ela, se apresentava como tendo uma feminilidade mais considerável em sua assunção aparentemente absolutamente completa, que era precisamente em um destes sujeitos cuja vida, aliás, pode parecer ser, na época, muito mais que na nossa, a assunção das funções masculinas. Em outras palavras, trata-se de alguém que tinha uma vida profissional perfeitamente independente, elaborada, livre, e que, entretanto, repito, contrastava mais naquela época que na nossa, se manifestava por uma espécie de assunção correlativa e ao máximo, em todos graus, daquilo que se podia chamar de suas funções femininas, isto é, não somente sob a forma aparente, pública, das funções de dona de casa, em suas relações com seu esposo, mostrando em todo lugar a superioridade das qualidades que, em nosso estado social são forçosamente casos unívocos, em todos os estados sociais daquilo que é a tarefa da mulher e particularmente num outro registro, especialmente no plano sexual, algo inteiramente satisfatório em suas relações ao homem, em outras palavras, no gozo da relação.

Ora, sob esta aparente e inteira satisfação da condição feminina, esta análise põe em evidência algo muito velado que todavia se constitui na base, algo que, sem dúvida alguma, é aquilo que se encontra após ter sido incitado, contudo, por alguma diminuta, mas infinitamente diminuta discordância aparecendo na superfície deste estado em princípio completamente satisfatório.

É interessante mostrar este algo velado, porque vocês sabem a importância, a ênfase que nossa experiência colocou sobre o *penis-need*, reivindicação do pênis, em muitos distúrbios no desenvolvimento da sexualidade feminina. Aqui, é o contrário que está velado, chama-se o falo - não quero refazer a história desta mulher, não é nosso objetivo hoje, mas a fonte da satisfação fundamental suporta aquilo que aparentemente floresce nesta libido feliz, é a satisfação velada de sua supremacia sobre os personagens parentais. É o próprio termo que a senhora Joan Rivière usa, e ela considera isto como estando na própria fonte daquilo que se apresenta com um caráter que não está tão assegurado assim na evolução da sexualidade feminina para não ser notado neste caso. A fonte do caráter satisfatório do próprio órgão é a prova que a partir da detecção desta mola velada da personalidade no próprio sujeito, se ele obtém, nem que seja de maneira transitória, este efeito de perturbar profundamente o que havia sido adquirido ou apresentado no sujeito como relação consumada, madura e feliz, tendo provocado, mesmo por um tempo, a desaparecimento desta feliz conclusão do ato sexual.

5 de março de 1958

Aquilo diante de que estamos, sublinha a senhora Joan Rivière, é que é em função da necessidade no sujeito de evitar por parte dos homens a retorsão desta sub-reptícia subtração ao outro da fonte e do símbolo de sua potência que, à medida em que aparece a análise, que progride a análise, se mostra sempre mais guiado, dominado e dado o sentido da relação do sujeito com as pessoas de um e outro sexo.

É na medida em que isto deve evitar o castigo, a retorsão por parte dos homens que aqui estão visados, que o sujeito, numa escansão muito discreta, mas que aparece mais à medida que a análise progride, que já estava perceptível porém nestes pequenos traços anômalos da análise, toda vez que o sujeito mostra seu poder falicamente constituído, se precipita numa série de manobras, quer de sedução, quer até de procedimentos que sejam artificiais para fazer tudo pelos outros, e, justamente, aparentemente, adotando as formas mais elevadas da abnegação feminina como algo que consiste em dizer: *Vejam, eu não o tenho, este falô, eu sou mulher, pura mulher*, em se esconder, especialmente nestas manobras de seguir os homens, nestas manobras profissionais, por exemplo, nas quais ela se mostra eminentemente qualificada adotando repentinamente, por uma espécie de recuo, a atitude de alguém extremamente modesto, e mesmo ansioso sobre a qualidade do que tem feito, e na realidade fazendo um jogo de provocação, como diz a Sra. Joan Rivière, que naquele momento lhe serve, nem tanto para tranquilizar quanto para enganar em sua mente aqueles que poderiam se ofender deste algo que nela se acrescenta essencialmente e fundamentalmente como agressão, como necessidade e gozo da supremacia como tal, como profundamente estruturado sobre uma história que é a rivalidade com a mãe primeiro, com o pai depois.

Resumindo: a propósito de um exemplo como esse, por mais paradoxal que pareça, vemos que o de que se trata numa análise, na compreensão de uma estrutura subjetiva, é sempre algo que nos mostra o sujeito engajado num processo de reconhecimento como tal. Mas de reconhecimento de quê? Entendamos bem isso, já que o sujeito está inconsciente desta necessidade de reconhecimento, e é por isso que devemos situar em alguma parte esta outra necessidade por toda relação de reconhecimento, situá-la numa alteridade de uma qualidade que não conhecemos até agora, nem até Freud, aquela que dela faz o puro e simples lugar de significante pelo qual o ser se divide de sua própria existência, que faz do destino do sujeito humano algo essencialmente ligado à sua relação com este signo de ser, que faz deste signo de ser o objeto de todo tipo de paixões, que presentificam a morte neste processo, pelo que se dá na sua ligação a esse signo que o sujeito está bastante desligado dele mesmo para poder ter esta relação ao que parece, única, na criação, a sua própria existência, que é a última forma daquilo que, na análise, chamamos de masoquismo, a saber, este algo por causa de que o sujeito apreende a dor de existir.

Por que esta divisão onde o sujeito está constituído desde o início na qualidade de existência? Porque alhures seu ser deve se fazer representar no próprio signo, e o signo está num terceiro lugar. É isso que, desde o nível do inconsciente, estrutura o sujeito nesta decomposição dele mesmo sem a qual nos é impossível fundamentar de maneira válida o que se chama o inconsciente.

Tomem o menor sonho que seja e verão, se o analisarem corretamente, referindo-se à *Traumdeutung* que não é naquilo que se apresenta no sonho como significante, mesmo sendo feita a primeira decifração, que o inconsciente se encarna. Freud volta a isso a todo propósito, e o sublinha: há, diz ele, sonhos hipócritas; são todavia, a representação de um desejo nem que seja o desejo de enganar o analista. Lembrem-se daquilo que sublinhei nesse trecho plenamente articulado na análise de um caso de homossexualidade feminina.

5 de março de 1958

Mas este discurso do próprio inconsciente, que, porém, não é a última palavra do inconsciente, está suportado pelo que é verdadeiramente a última mola do inconsciente. Ele não pode ser articulado de outra maneira que não como desejo de reconhecimento do sujeito nem que fosse por meio de uma mentira desde já articulada ao nível dos mecanismos que fogem à consciência, desejo de reconhecimento que nesta ocasião sustenta o próprio embuste, que pode se apresentar numa falsa perspectiva, como uma mentira do inconsciente.

Isto lhes dá o sentido e a chave da necessidade em que estamos de colocar na origem de toda análise do fenômeno subjetivo completo, tal como nos é fornecido pela experiência analítica, este esquema em torno do qual tento fazer progredir este caminhar autêntico da experiência das *formações do inconsciente*, e ele é aquele que promovi recentemente sob esta forma que posso hoje lhes apresentar de maneira mais simples. Evidentemente, são sempre as formas mais simples as que devem ser trazidas por último. Aqui, o que temos neste ângulo de três pólos que se constitui na posição do sujeito?

O sujeito, em sua relação com uma tríade de termos que são os fundamentos significantes de todo seu progresso, isto é, a mãe como primeiro objeto simbolizado que sua ausência ou sua presença fazem se tornar para o sujeito o signo de desejo ao qual seu próprio desejo vai se agarrar; em outras palavras, aquilo que vai ou não fazer dele não simplesmente uma criança satisfeita ou não, mas uma criança desejada ou não.

Isto não se constitui numa construção arbitrária. Reconhecem que estou colocando aqui algo que nossa experiência, passo a passo, nos ensinou a descobrir. Soubemos pela experiência o que comporta de conseqüências em cascata, de desestruturação quase infinita, o fato para um sujeito antes de seu nascimento ter sido desde já uma criança não desejada.

Este termo é essencial, ele é mais essencial que ter sido em tal ou tal momento uma criança mais ou menos satisfeita. O termo criança desejada é o que responde à constituição da mãe na qualidade de sede do desejo. A isto responde toda esta dialética da relação da criança ao desejo da mãe, que tentei lhes mostrar, e que resume, que se concentra nisto, tanto no fato primordial do símbolo da criança desejada, e aqui o termo do pai, na medida em que ele está no significante, este significante por que o próprio significante está colocado como tal, e é por isso que o pai é essencialmente criador, eu diria até criador absoluto, aquele que cria a partir do nada. É na medida em que o significante, sua dimensão original em si mesmo, ele pode conter o significante, que ele se define como o surgimento deste significante.

É em relação a isso que algo essencialmente confuso, indeterminado, não desligado de sua existência, todavia, é feito para se desligar dela; este sujeito, na medida em que deve ser significado, deve se localizar.

Se identificações são possíveis, é sempre na medida em que, para o sujeito, se estrutura esta relação hierática constituída ao nível do significante, e se ele pode conseguir no interior de seu vivido dar tal ou tal sentido a este algo que lhe é dado por sua fisiologia humana particular. É nesta relação que isto se constitui. Ora, não preciso voltar à homologia dos termos daquilo que se constitui ao nível do significado, do lado onde está o sujeito em relação a estes termos simbólicos, esta homologia. Eu o demonstrei parcialmente. Afinal de contas, o que faço aqui é só isso, parcialmente. Peço-lhes até maior informação, até maior demonstração, que me acompanhem com isso. É na relação à sua própria imagem que o sujeito reencontra a duplicidade do desejo materno a ele como criança desejada, que é somente simbólica. Ele a experimenta nesta relação à imagem de si próprio, à qual podem

5 de março de 1958

vir se sobrepôr tantas coisas, este algo que por exemplo se ilustra. Vou fazê-lo imediatamente.

Ontem à noite aludi ao fato de ter observado bastante de perto a história da infância de Gide, tal como Jean Delay a expõe de maneira verdadeiramente exaustiva na patografia que ele nos dá deste caso. É bem claro que Gide, a criança desgraçada como o disse em algum lugar o autor da visão fotográfica diante da qual o personagem se sentiu tremer; Gide, a criança desgraçada, a criança entregue a seu próprio erotismo, auto-erotismo primitivo das imagens mais inconstituídas, posto que, diz ele, ele encontrava o orgasmo em sua identificação a situações catastróficas. De certa forma, encontrava muito precisamente seu gozo na leitura de alguns termos, na leitura da Sra. de Ségur, por exemplo, cujos livros são verdadeiramente fundamentais em toda ambigüidade do sadismo primordial, mas onde o sadismo talvez não seja o mais elaborado, onde tomou a forma da criança que apanha, de uma criada que deixa cair algo que ela segura nas mãos com um grande barulho de destruição, ou a identificação com este personagem de um conto de Andersen que se vai com a correnteza e acaba chegando a uma costa longínqua, transformado em rato morto, isto é, nas formas menos humanamente constituídas desta dor da existência.

Certamente aí não podemos apreender outra coisa a não ser este algo abissal constituído nesta relação primeira com uma mãe que, sabemos, tinha muito altas e muito nobres qualidades e este não sei que elidido totalmente em sua sexualidade, em sua vida feminina, que certamente põe em sua presença a criança, em seus anos de partida, numa posição totalmente insituada.

O ponto de virada, o ponto onde a vida do jovem Gide retoma, se assim se pode dizer, sentido, e constituição humana, está neste momento de identificação crucial que nos é dado da maneira mais clara possível, do ser em sua lembrança, e que deixa de maneira não duvidosa sua marca sobre toda sua existência, posto que ele conservou o ponto-pivô e o objeto durante toda sua existência, em sua identificação à sua jovem prima cujo termo não basta dar sob esta forma vaga, indefinida. Identificação, é certo, ele o diz. Quando? Naquele momento sobre cujo caráter singelo não nos detemos bastante, em que ele encontra sua prima chorando no segundo andar desta casa onde ele se precipitou, não tão atraído por ela quanto por seu faro, por seu amor ao clandestino que reina nesta casa, após haver atravessado o primeiro andar onde a mãe desta prima, sua tia, ele a vê, mais exatamente ele a entrevê nos braços de um amante, ele encontra sua prima chorando - e aí estamos - de embriagues, de entusiasmo, de amor, de aflição e de devoção. Ele se dedica a proteger esta criança, diz ele mais tarde. Não esqueçamos que ele era mais velho; naquela época, Gide tinha treze anos, Madeleine quatro.

Naquele momento ocorre algo cujo sentido, absolutamente, não podemos entender se não o colocarmos nesta posição terceira em que o jovem André se encontrava, não somente com sua prima, mas também com aquela que no andar inferior está evaporando os calores da febre, e não nos lembrarmos deste antecedente que Gide nos conta em *A Porta Estreita*, a saber, de uma tentativa de sedução feita pela dita mãe de sua prima.

O que é que ocorre então? Ele se tornou criança desejada, André Gide, no momento desta sedução, da qual por sinal ele fugiu com horror, porque nada vem trazer nela este elemento de mediação, este elemento de aproximação que faz disso outra coisa que não um trauma. Ele se encontrou pela primeira vez, contudo, na posição de criança desejada.

5 de março de 1958

Este momento produz a saída desta nova situação que, por um certo lado, vai ser para ele salvadora, mas que vai, todavia, fixá-lo numa posição profundamente dividida em relação ao modo de atividade tardia e, repito, sem mediação, no qual ocorre este encontro.

Com o que ele vai ficar na constituição deste termo simbólico que até então lhe faltava? Nada, além do lugar da criança desejada que ele vai, enfim, poder ocupar por intermédio de sua prima; neste lugar onde antes havia um buraco, agora há um lugar, mas nada mais, pois, claro, ele o recusa, ele não pode aceitar o desejo do qual é objeto, porém seu *eu* [*ma*] não tem que se identificar, incontestavelmente, e isso para sempre, sem o saber a respeito do desejo do qual agora ele é dependente, isto é, se tornar amoroso para sempre, até o fim de sua existência, se tornar amoroso deste rapazinho que ele foi por um instante nos braços de sua tia que lhe acariciou o pescoço, os ombros e o peito. E, veremos que toda sua vida está naquilo que sabemos, isto é, naquilo que ele nos confessou, a saber, que desde sua lua de mel - todos se espantam e se escandalizam - e quase na presença de sua mulher, ele passa à *suplicante delícia*, como diz, do acariciamento dos braços e dos ombros dos rapazes que ele encontra no trem. Esta é uma página agora famosa, que faz parte da literatura, na qual Gide mostra o que para ele permanece o ponto privilegiado de toda fixação de seu desejo.

Em outras palavras, isto que ao nível daquilo que se torna para ele seu *ideal do eu*, o qual foi subtraído aqui, a saber, o desejo do qual ele foi objeto e que ele não pôde suportar, ele o assume para ele mesmo, ele se torna para sempre e eternamente amoroso para este rapazinho acariciado que ele não quis ser.

Em outras palavras, entendemos isto: entre este termo da criança desejada onde é preciso que algo se elabore, onde é preciso que se junte a este significante que primordialmente constitui o sujeito em seu ser, é preciso que este *eu* [*ma*], este ponto *X* onde ele está o alcance de uma maneira qualquer, se constitui aqui este *ideal do eu* que marca todo o desenvolvimento psicológico de um sujeito. Este *ideal do eu* está marcado:

- pelo signo do significante;
- de saber de onde ele pode partir, a saber, por progressão a partir do *eu* [*ma*], ou, pelo contrário, sem que o *eu* [*ma*] possa fazer outra coisa que não sofrer, por uma série de acidentes, entregue às aventuras a partir do próprio significante.

Em outras palavras, reconhecer que aquilo que ocorre sem o conhecimento do sujeito, só pela sucessão de acidentes, daquilo que lhe permite subsistir em sua posição significante de criança mais ou menos desejada, este algo está aqui, que nos mostra que está no mesmo lugar, conforme isso ocorra pela via consciente ou pela via inconsciente, é no mesmo lugar que ocorre o que chamamos num caso, de *ideal do eu* e no outro caso, de perversão.

A perversão de André Gide não está tanto no fato de que ele só pode desejar rapazinhos, somente o rapazinho que ele havia sido. A perversão de André Gide consiste nisto: é que aí ele só pode se constituir em perpetuamente se dizer, se submeter nesta correspondência que para ele é o coração de sua obra, em ser aquele que se faz valer do lugar ocupado por sua prima, cujos pensamentos, todos, estão voltados para ela, aquele que lhe dá, literalmente, a todo instante aquilo que não tem, mas somente isso; que se constitui como personalidade por ela, nela e em relação a ela, o que o coloca em relação a ela nesta espécie de dependência mortal que o faz exclamar em algum lugar: *Vocês não podem saber o que é o amor dum escriturário! É algo como um amor embalsamado*

5 de março de 1958

Esta projeção completa que é sua própria essência, no que é a base, é com efeito o coração, a raiz nele de sua existência de homem literário, de homem inteiramente no significante. Em suas relações, e naquilo que ele comunica, é por aí que ele está *agarrafado* [ *agarrar + fixar*] em sua relação inter-humana, que para ele esta mulher não desejada pode com efeito ser o objeto do supremo amor que lhe está essencialmente ligado, e que quando este objeto com o qual ele preencheu este buraco do amor sem desejo, quando este objeto desaparece, ele dá este miserável grito cujo parentesco mostrei ontem à noite, naquilo que eu dizia, parentesco com o grito cômico por excelência: *Meu dinheiro, meu caro dinheiro!* O dinheiro do avaro.

Todas as paixões, na medida em que são alienação de um desejo num objeto, estão no mesmo nível. Claro, o dinheiro do avaro nos faz mais facilmente rir - pelo menos se temos em nós algum traço de humanidade, o que não é o caso universal - que o desaparecimento da correspondência de Gide com sua mulher. Evidentemente isso devia ser, para todos nós uma coisa valiosa, para sempre. Mesmo assim, fundamentalmente, é a mesma coisa e o grito de Gide quando do desaparecimento desta correspondência é o mesmo grito que aquele da comédia, daquele do avaro Harpagon.

O que é esta comédia, de que se trata?

A comédia é algo que nos atinge por mil propósitos dispersos. A comédia não é o cômico. Todo cômico deve poder, se dermos da comédia uma definição correta, se crermos que durante um tempo, pelo menos, a comédia foi a produção diante da comunidade, diante da comunidade na medida em que ela representa um grupo de homens, isto é, como constituindo acima dela a existência de um homem como tal, se a comédia foi o que ela parece ter sido num momento em que a representação da relação do homem à mulher era o objeto de algo que tinha um valor cerimonial, algo que faz com que eu não seja o primeiro a comparar o teatro à missa; todos aqueles que se aproximaram da questão do teatro notaram que com toda certeza em nossa época, o drama da missa representa essencialmente aquilo que num momento da história representou o desenvolvimento completo das funções do teatro.

Se por um lado, na grande época do teatro grego, a tragédia representa esta relação do homem à palavra na medida em que ele a agarra em sua fatalidade e numa fatalidade conflitual, e na medida em que a cadeia é o elo do homem à lei significante, não é a mesma ao nível da família e ao nível da comunidade. Isto é a essência da tragédia.

A comédia representa, e não sem ligação com a tragédia, já que, vocês sabem, uma comédia completava sempre a trilogia trágica - não podemos considerá-la independentemente - e esta comédia, lhes mostrarei até que ponto encontramos o traço e a sombra até no comentário marginal do próprio drama cristão. Evidentemente, não em nossa época de cristianismo constipado no qual não se ousaria acompanhar as cerimônias destas robustas farsas constituídas pelo que se chamava de o *risus pascalis*. Mas deixemos isso de lado.

A comédia se apresenta como o momento em que o sujeito e o homem tentam tomar esta relação à palavra como sendo não mais seu engajamento, seu disfarce nestas necessidades contrárias, mas como sendo, afinal, não somente seu negócio, mas este algo em que ele deve se articular por si mesmo, como sendo aquele que se aproveita disso, que goza disso, que o consome, e que, para dizer tudo, é aquele que, desta comunhão está destinado a absorver a substância e a matéria.

5 de março de 1958

A comédia, pode-se dizer, é algo como a representação do fim da refeição comunitária a partir da qual a própria tragédia foi evocada. É o homem que, afinal de contas, consome tudo quanto foi aí presentificado de sua substância e de sua carne comum, e se trata de saber em que isso vai resultar.

Para entender em que isso vai resultar, creio que não há outro meio senão referindo-se à comédia antiga, da qual todas as comédias que a ela se seguiram são uma espécie de degradação onde os traços são sempre reconhecíveis, às comédias de Aristófanes, a estas comédias como *A Assembléa das Mulheres*, como *Lisistrato*, como as *Tesmofórias*, para vermos aonde isso nos leva, e, claro, era a essas que eu me referia quando estava começando a lhes indicar em que sentido a comédia manifesta por uma espécie de necessidade interna esta relação do sujeito, a partir do momento em que é seu próprio significado, a saber, o fruto do resultado desta relação de significante, que deve efetivamente vir sobre o palco da comédia plenamente desenvolvida. É este termo que ele mesmo designa, necessariamente, na medida em que ele está significado, isto é, na medida em que ele recolhe, que ele assume, que ele goza da relação a um fato que lhe está fundamentalmente numa certa relação com a ordem significante, a aparição deste significado que se chama o falo.

Acontece que desde que eu lhes trouxe este termo só precisei abrir este algo nos dias seguintes a este rápido esboço que tinha dado à *Escola das Mulheres*, de Molière, como representando esta relação cômica essencial, como algo que creio poder considerar como uma muito singela ressurgência de uma obra prima, verdadeiramente, da comédia, se o que creio ler na comédia de Aristófanes é justo, e que não é outra coisa que *O Balcão* de Jean Genet.

O que é *O Balcão* de Jean Genet?

Vocês sabem que houve violenta oposição à sua apresentação. Claro que não devemos estranhar este fato num estado de teatro onde se pode dizer que sua substância e seu interesse consistem principalmente em que os atores, no palco, se fazem jus a títulos diversos, o que evidentemente enche de satisfação e de desejo aqueles que estão aqui para se identificarem a esta espécie de exibição: é preciso chamá-la por seu nome.

Se o teatro é outra coisa, certamente creio que uma peça como aquela articulada por Jean Genet é feita para bem fazê-lo sentir, mas também não há certeza de que o público seja capaz de entendê-lo. Todavia, me parece difícil não ver o interesse dramático, que vou tentar expor para vocês.

Vejam, Genet fala de algo que quer dizer mais ou menos isto: não digo que ele sabe o que ele faz, isso não tem importância, que ele saiba ou não saiba. Corneille porém, ele o fez com grande rigor - aqui as funções humanas, na medida em que se referem ao simbólico, a saber, o poder daquele que, como se diz, liga e desliga, a saber, aquilo que foi conferido por Cristo à posteridade de São Pedro e a todos os episcopos, liga e desliga a ordem do pecado, da culpa, se o poder daquele que condena, que julga e que castiga, a saber, o do juiz, se o poder daquele que assume o comando neste grande fenômeno que ultrapassa infinitamente o da guerra, e que produz o chefe de guerra, mais comumente o general, se todos estes personagens representam, pois, funções em relação às quais o sujeito está, de algum modo, alienado em relação a esta palavra cujo suporte ele encontra numa função que ultrapassa muito sua peculiaridade, se estes personagens vão de repente ser submetidos à lei da comédia, isto é, se começarmos a nos representar o que é gozar destas posições, posições

5 de março de 1958

de desrespeito, sem dúvida, o que é colocar a questão assim, mas o irrespeito da comédia não é algo em que se deva deter sem tentar saber o que daí resulta pouco depois.

Claro, é sempre em período de crise, é no supremo momento da aflição de Atenas, precisamente pela ab-reação de uma série de escolhas erradas e de uma submissão à lei da cidade que parece literalmente já levá-lo à perdição que Aristófanes tenta este despertar que consiste em dizer que, afinal, a cidade se esgota nesta guerra sem fim, que não há nada melhor do que ficar em casa, bem quentinho, e encontrar sua mulher. Isso não é algo, propriamente falando, colocado como uma moral, é uma retomada da relação essencial do homem a seu estado que está sendo sugerida, sem que devamos, aliás, saber se as conseqüências são mais ou menos salutares.

Aqui vemos pois, o juiz, o bispo e o general, em nossa frente, promovidos a partir desta pergunta: O que pode ser gozar de seu estado de bispo, de juiz ou de general? E então isto explica o artifício pelo qual este *Balcão* não é nada mais do que aquilo que se chama uma casa de ilusões, a saber, se efetivamente o que ocorre ao nível das várias formas do *ideal do eu* [m], que situei aqui em algum lugar, é algo que efetivamente não é, como se crê, o efeito de uma duplicação no sentido em que seria a neutralização progressiva das funções enraizadas no interior, mas ao contrário, algo que é sempre acompanhado, mais ou menos, por uma erotização da relação simbólica, a assimilação, talvez, feita por aquele que em sua posição e sua função de bispo, de juiz ou de general goza de seu estado com este algo que todos os donos de casas de ilusões conhecem, a saber, o velhinho que vem se satisfazer com uma posição estritamente calculada, que o colocará por um instante na mais estranha diversidade de posição assumida em relação a uma parceira cúmplice que aceitará assumir o papel de ser na ocasião sua respondente.

É assim que vemos alguém empregado num brexó que vem se revestir de ornamentos sacerdotais para obter de uma prostituta complacente uma confissão da qual, claro, ele não é senão uma simulação, e da qual é preciso que, por algum grau, a verdade se aproxime; em outras palavras, que algo na intenção de sua cúmplice lhe permita ver esta relação a um gozo culposo do qual ele deve, no mínimo, crer que ela participa, e não é a menor singularidade da arte, do lirismo com o qual o poeta Jean Genet sabe, diante de nós, prosseguir este diálogo do personagem certamente grotesco além de toda expressão, grotesco a dimensões ainda aumentadas: Ele o faz subir sobre patins para que sua posição caricatural fique ainda mais alta e na qual vemos o sujeito perverso se comprazer buscando sua satisfação neste algo com que ele se relaciona, com uma imagem, todavia, na medida em que ela é o reflexo de algo essencialmente significativa.

Em outras palavras, Genet, em três cenas, nos presentifica, nos encarna no plano da perversão, o que a partir desse momento toma seu nome, a saber, que numa linguagem crua podemos em dia de grande desordem chamar todo o bordel no qual vivemos, pois é como toda e qualquer sociedade, sempre mais ou menos em estado de degradação, pois a sociedade não poderia se definir de outra maneira a não ser por um estado mais ou menos adiantado de degradação da cultura; todo o bordel, a saber, toda esta confusão que se estabelece nas relações todavia sagradas e fundamentais do homem e da palavra, todo o bordel está aí, representado em seu lugar, e sabemos de que se trata.

De que se trata? Trata-se de algo que nos encarna a relação do sujeito às funções da fé em suas formas mais diversas e em suas formas mais sagradas, como sendo, elas mesmas, algo que insiste por uma série de degradações onde um salto por um instante é dado, a saber, que não é outra coisa que não o próprio bispo, o juiz e o general que vemos aqui em

5 de março de 1958

postura de especialistas, como se diz em termos de perversão, e que implicam a relação do sujeito com a função da palavra.

O que ocorre? Ocorre isto, que esta relação, se é uma relação adulterada, se é uma relação onde todos falharam e onde ninguém se reencontra, no entanto, esta relação continua se sustentando, por mais degradada que esteja, sendo apresentada diante de nós. No entanto, esta relação subsiste pura e simplesmente, nem que seja como dependência e reconhecimento desta relação, pelo menos como algo ligado a isto, que exista algo que se chama a sua ordem.

Ora, esta relação à preservação da ordem, o que advém dela se a sociedade alcançou sua mais extrema desordem? Advém algo que se chama a polícia, esta espécie de recurso último, de último direito, de último argumento da ordem que se chama a manutenção da ordem, que se cria pela instauração na qualidade de centro, afinal, da comunidade, daquilo que se apresenta igualmente em sua origem, a saber as três lanças [*piques, piques*] cruzadas, e no centro da sala, esta redução de tudo quanto é a manutenção da ordem, isto está encarnado no personagem pivô, central do drama de Genet, a saber, o chefe de polícia.

A hipótese é esta, e é verdadeiramente muito bonita: É que o chefe de polícia, a saber, aquele que sabe essencialmente que sobre ele repousa esta manutenção da ordem, e que ele é de alguma forma o termo último, o resíduo de todo poder. O chefe de polícia, sua imagem ainda não alcançou uma nobreza suficiente para que algum dos velinhos que vêm ao bordel peça para ter os ornamentos, os atributos, o papel e a função do chefe de polícia. Há vários que sabiam bancar o juiz diante de uma pequena prostituta para que ela se confessasse ladra, e que, aliás, se transforma nele para obter essa confissão, pois *como é que eu seria juiz se tu não fosses ladra?* diz o juiz. Mas eu lhes poupo o que o general diz à sua égua. Em compensação, ninguém pediu para ser o chefe de polícia.

Isto, é claro, é pura hipótese, não temos experiência suficiente dos bordéis para saber se o chefe de polícia, efetivamente, desde há muito, alcançou a dignidade dos personagens na pele dos quais se pode gozar. Mas aí o chefe de polícia, pois ele é bom amigo da patroa do bordel - não tento aqui fazer teoria, como também não disse que se tratava de coisas concretas - o chefe de polícia vem e pergunta ansiosamente se algum deles pediu para ser o chefe de polícia.

E isto nunca acontece. Da mesma forma que não há farda de chefe de polícia, temos visto se espalharem o hábito, a toga do juiz, o quepe do general, sem falar da calça deste último, mas ninguém entrou na pele do chefe de polícia para fazer amor.

Isto é o pivô do drama. Ora, saibam que tudo quanto ocorre dentro do bordel, ocorre enquanto ao redor a revolução está no auge. Tudo quanto ocorre - e não digo mais a respeito, vocês terão muito prazer na leitura desta comédia, em descobri-lo - tudo quanto ocorre no interior - e isso está longe de ser tão esquemático quanto eu digo - há gritos, há tapas, enfim, se divertem, tudo é acompanhado pela crepitação das metralhadoras, lá fora, e a cidade está em revolução, e, claro, todas estas damas esperam perecer belamente, massacradas pelas morenas e virtuosas operárias que aqui passam por representar o homem inteiro, o homem real, aquele que não duvida que seu desejo pode alcançar o advento, a saber, se fazer valer como tal e de maneira harmoniosa. A consciência proletária sempre acreditou no sucesso da moral, ela está errada ou está certa, não importa. O que importa é que Jean Genet nos mostra no fim da aventura - sou forçado a ir um pouco rápido - nisto o chefe de polícia não duvida, pois isto é sua função. Como isto é sua função, é por causa

5 de março de 1958

disto que a peça se desenrola como ela se desenrola. O chefe de polícia não duvida que, após a revolução como antes, sempre haverá o bordel. Ele sabe que a revolução neste sentido é um jogo, e com efeito, volta e meia, não revelo o que, pois aí há mais uma bela cena, o diplomata de raça vem esclarecer o amável grupo que se encontra aqui no centro da casa de ilusões, sobre o que ocorre lá no palácio real, a saber, em seu estado de mais legitimidade, a rainha borda e não borda, a rainha ronca e não ronca, ela borda um pequeno lenço. Trata-se de saber o que há no meio, a saber, um cisne, um cisne do qual ainda não sabemos se ele irá sobre o mar, sobre um lago ou uma xícara de chá. Eu passo, pois, sobre o que concerne ao devaneio último do símbolo, mas o que ocorre, e que aquela que se faz a voz, a palavra da revolução, a saber, uma das prostitutas que foi seqüestrada por um virtuoso encanador, e que desempenha o papel da mulher de boné frígio sobre as barricadas, com isto a mais, que ela é uma espécie de Joana D'Arc, a saber que ela saberá, ela conhece até nos recantos a dialética masculina porque ela esteve lá onde ouvem-na se desenvolver em todas as suas fases, ela saberá falar e responder a eles, a chamada Chantal, posto que ela é chamada assim na peça, e ela é escamoteada volta e meia, isto é, ela é atingida por uma bala, e que imediatamente depois o poder fica encarnado pela patroa da casa em questão, Irma, que assume, e com quanta superioridade, as funções da rainha. É ela, ela também não, alguém que passou ao puro estado de símbolo, já que, como ele o diz em algum lugar, nada nela é verdadeiro, a não ser suas jóias.

E a partir deste momento chegamos a este algo que é a mobilização dos personagens, os perversos que vimos se exibirem durante todo o primeiro ato, com papel muito autêntico, integral, com a assunção das funções recíprocas que encarnavam em seus pequenos divertimentos diversamente amorosos.

Naquele momento se estabelece um diálogo de verdor político bastante forte entre o personagem do chefe de polícia que precisa deles, naturalmente, para representar aquilo que deve substituir a ordem precedente derrubada, e para fazê-los assumir funções, o que eles aliás não fazem sem repugnância, pois compreendem muito bem que é outra coisa gozar no calor e na proteção dos muros destas casas das quais não se pensa suficientemente que são o lugar onde a ordem é mais minuciosamente reservada, a saber, para pô-los à mercê da ventania, e até das responsabilidades que essas responsabilidades comportam.

Aqui estamos evidentemente na pura farsa, mas é o tema, é a conclusão desta farsa de muito bom gosto que no final gostaria de enfatizar.

Isto é, em meio a todo este diálogo, o chefe de polícia continua ficando com sua preocupação: *Será que alguém veio para pedir para ser o chefe de polícia?* É preciso reconhecer que aí, pelo menos por um instante, talvez seu lugar imaginário neste encontro tenha uma satisfação difícil de ser obtida.

O que ocorre? Ocorre primeiro isto: é que, desanimado por esperar indefinidamente o acontecimento que deve ser para ele a sanção de sua ascensão à ordem das funções respeitadas, posto que profanada, o chefe de polícia primeiro consulta o que agora ele conseguiu demonstrar: que somente ele é a ordem e o pivô de tudo, a saber, que afinal de contas, isto não quer dizer nada mais além, em último termo, da força, e aqui encontramos algo a que não falta significação, na medida em que a descoberta do *ideal do eu* coincidiu, aproximadamente, em Freud, com a inauguração deste tipo de personagem que oferece à comunidade política uma identificação única e fácil, a saber, o ditador.

5 de março de 1958

O chefe de polícia consulta aqueles que o rodeiam sobre a oportunidade de uma espécie de farda, e também de símbolo que seria o de sua função, e no caso, não sem timidez; na verdade, ele chocou um pouco os ouvidos de seus auditores: ele propõe um falo. Será que a Igreja faria objeção? E ele se inclina do lado do bispo que, com efeito balança por um instante, balança a cabeça e hesita, mas sugere que se escolha a pomba de Espírito Santo, a coisa seria mais aceitável. Da mesma forma, o general propõe que o dito emblema seja pintado com as cores nacionais, e algumas outras sugestões desta espécie fazem pensar que, claro, se vai chegar rapidamente ao que se chama um concordato.

É naquele momento que acontece o inesperado: Uma das moças cujo papel expliquei, nesta peça verdadeiramente formigante de significações, aparece sobre o palco, ainda sem poder falar por causa da emoção, por causa daquilo que acabou de ocorrer com ela, e que não é nada menos que isto: a personagem que era o amigo - e isso é bem significativo - que era o salvador da prostituta, agora no estado de símbolo revolucionário, a personagem, pois, do encanador, conhecido na casa, veio ter com ela e lhe pedir tudo quanto era necessário para se parecer com a personagem do chefe de polícia.

Emoção geral. Estrição da garganta. Chegou o fim de nossas penas. Tudo aconteceu, até a peruca do chefe de polícia, que sobressalta: *Como você sabia?* Dizem a ele: *Só você pensa que todo mundo ignorava que você usa peruca*, e a personagem, uma vez revestida de todos os atributos daquele cuja figura é verdadeiramente a figura heróica do drama, faz este gesto que a prostituta faz de lançar-lhe na cara, após tê-lo cortado, aquilo com que, diz ela pudicamente, ele nunca deflorará alguém. Naquele momento, o chefe de polícia que estava bem perto de alcançar o máximo de seu contentamento, tem contudo este gesto rápido de controlar que ele ainda o tem. Ele ainda o tem, com efeito, e sua passagem ao estado de símbolo sob a forma da farda fálica proposta, agora se tornou inútil. Com efeito, a partir deste momento, é muito claro que aquele que representa o desejo simples, o desejo puro e simples, esta necessidade que o homem tem de alcançar, de uma maneira que possa ser autêntica e diretamente assumida, sua própria existência, seu próprio pensamento, um valor que não seja puramente distinto de sua carne, é claro que é na medida em que este sujeito que está aí representando o homem, aquele que lutou para que algo que até agora chamamos de bordel reencontrasse sua estabilidade, sua norma e sua redução a algo que possa ser aceito como plenamente humano, que aquele só se reintegre, se ofereça, uma vez passada a provação, se se castrar, isto é, com a condição de fazer com que o falo seja algo novamente promovido ao estado de significante, a este algo que pode dar ou não dar, tomar de volta ou não, outorgar ou não, aquele que naquele momento se confunde de maneira mais explícita, isto é, é com isso que a comédia termina, se confunde e alcança a imagem do criador do significante do nosso pai, do pai nosso que está nos céus.

É com isso que podemos, que podemos à vontade, qualificar de blasfematório ou cômico, é com isso que termina a comédia.

Retomarei estes termos e me referirei a eles. Vocês verão como eles poderão nos servir de marco. Marco nesta questão essencial do desejo e do gozo dos quais eu quis hoje lhes dar o primeiro grama.